

Esporte, educação e sociedade: um estudo num centro de práticas esportivas¹

Deyvid Tenner de Souza Rizzo (UFGD/UTAD)*

Ágata Cristina Marques Aranha (UTAD)**

Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas (UPE/UFPB)***

Resumo: O estudo objetiva analisar a realização de práticas esportivas com caráter educacional promovidas por um centro esportivo público, com isso identificar a influência do esporte na vida de seus alunos. Foram aplicados questionários para os sujeitos do estudo, alunos devidamente matriculados em alguma modalidade esportiva com idades que variaram entre 11 a 16 anos. Com interface nas Ciências Sociais o estudo demonstra que adolescentes participantes de programas esportivos educacionais revelam informações que favorecem para a desconstrução do esporte homogêneo e que o tratamento pedagógico do professor para as atividades esportivas pode influenciar para a permanência e continuidade dos alunos na prática de quaisquer esportes.

Palavras-chave: Esporte; sociedade; educação física; educação.

Sport, education and society: a study in practice sports center

Abstract: The study aims to analyze the performance of sports activities with educational character promoted by a public sports center, thereby identifying the influence of sport in the lives of their students. Questionnaires were applied to the study subjects, students duly enrolled in any sport with ages ranging from 11 to 16 years. Interface in Social Sciences study shows that adolescents participating in educational sports programs reveal information that favor to the deconstruction of homogeneous sport and that the pedagogical treatment of the teacher for sports activities can influence for the permanence and continuity of the students in the practice of any sports.

Keywords: Sport; society; PE; education.

1. Introdução

O esporte educacional não é somente aquele praticado na escola, mas sim, uma proposta muito maior que o esporte da escola, pois essa ação perspectiva reproduzir valores positivos capazes de conduzir pessoas a reproduzir um *alto rendimento* para a vida,

* Deyvid Tenner de Souza Rizzo. Doutorado em Ciências do Desporto pela Universidade de Trás os Montes e Alto Douro - UTAD (2017) - reconhecido no Brasil pelo Programa de Doutorado em Educação Física-UPE/UFPA. Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (2013).

** Ágata Cristina Marques Aranha. Professora Associada Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro Escola de Ciências da Vida e do Ambiente

*** Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas. Professora Associada da Universidade de Pernambuco - Escola Superior de Educação Física

vivenciando as diferenças e habilidades do outro, considerando as especificidades do movimento de cada um e acima de tudo convivendo e respeitando as habilidades de todos.

O objetivo geral do estudo é analisar a influência da prática esportiva educacional promovida por um centro de práticas esportivas público. Objetiva ainda, identificar os impactos positivos e quiçá negativos da presença do esporte na vida de seus alunos. Para análise, foi aplicado um questionário semiestruturado para um grupo de 75 crianças e adolescentes entre meninos e meninas.

O estudo sobre esporte educacional se mostra de extrema relevância para a sociedade, sobretudo quando pensamos nas novas gerações, responsáveis, em primeira instância, pelas mudanças sociais futuras e pela renovação dos valores e tradições. Se as tradições estão em constante reconstrução, valores novos surgem, nem sempre tão positivos ou altruístas como eticamente desejável. Impõe-se então a responsabilidade moral da sociedade em geral, com ênfase na família, escola e demais instituições encarregadas de educar formalmente os jovens, pelo processo de transmissão de valores positivos.

Ao advogar uma posição de que o esporte para todos pode gerar resultados de um bom trabalho desenvolvido pelo esporte educacional deparamo-nos com a necessidade de apontar caminhos para chegar a esses fins. Caminhos que são traçados a partir do entendimento de que a recreação, a ludicidade, a brincadeira entre outras manifestações podem se tornar uma prática consciente no interior do esporte educacional, reportando uma fusão entre prazer e esporte.

Esporte para todos ou quase todos? Esse questionamento nos motivou a escrever esse texto, unido com a vontade de demonstrar que a intervenção educacional é necessária no campo esportivo. Nesse sentido, a proposta de um esporte para todos é uma ideia que excita diversas investigações há décadas em diversas partes do mundo, contanto, o que tem nos instigado é a possibilidade do esporte estar chegando a quase todos.

Não temos o intuito de contar a história ou discutir o conceito do esporte para todos, diversos autores como Pazin (2004); Fraga (2005); Oliveira (2006); Linhares (2006) se dedicaram a isso de uma forma louvável. Esclarecemos que foi desenvolvida uma discussão direcionando o esporte para todos como forma de motivação no processo de sistematização do esporte educacional.

Deve-se entender que o esporte em nossa sociedade se manifesta de diferentes formas e em diferentes espaços. Para compreendermos melhor o fenômeno esportivo e de que forma ele é praticado nos dias de hoje, Tubino (1996) classificou-o nas seguintes dimensões: esporte-educação, esporte-lazer e esporte de rendimento.

Através das dimensões acima citadas, o esporte é capaz de produzir a socialização de seus participantes, e conseqüentemente, reproduzirão valores e desvalores² na sua prática. Nesse sentido, a análise dos resultados demonstra que crianças e adolescentes que frequentam programas esportivos centrados numa prática educacional associam a sensação de auto superação, autoestima, coletividade e respeito com a realização de atividades esportivas.

2. O caminho percorrido³

No estudo, optou-se por uma abordagem de natureza qualitativa. Para essa análise, a amostra do estudo compreendeu 75 alunos (48 meninos e 27 meninas) devidamente matriculados em alguma modalidade esportiva (futsal, basquetebol, voleibol, musculação e judô; com idades que variam de 11 a 16 anos de idade, e frequentam os programas centrados no esporte.

Foi enviado aos pais, um termo de consentimento livre esclarecido e uma carta de apresentação do estudo, os quais foram preenchidos corretamente. Somente depois de recolhido os termos que os respectivos professores de diferentes modalidades esportivas aplicaram o questionário para os adolescentes. Anteriormente, o questionário foi organizado com uma linguagem simples para melhor visibilidade dos depoentes, e posteriormente

validado por pesquisadores da área, com perguntas fechadas e abertas, sobre as maneiras que estes sujeitos significam as práticas esportivas nas quais estão envolvidos. Foi realizado um teste piloto, aplicando o questionário para 18 alunos com idades entre 11 e 12 anos, matriculados na modalidade esportiva de futsal para possíveis melhorias no que diz respeito à estrutura, organização, e procedimentos de aplicação do questionário.

A elaboração do questionário utilizado no presente estudo foi baseada na versão do questionário que o canadense Dany MacDonald (2011) propõe aos pesquisadores interessados em experiências de crianças e adolescentes que praticam algum esporte, o *Youth Experience Survey for Sport (YES-S)*; aproximando uma tradução para língua portuguesa entendemos: Pesquisa de Experiência na Juventude pelo Esporte (PEJ-E).

O Assessor Técnico da instituição autorizou os professores a entregarem os termos de consentimento livre esclarecido para os alunos levarem para casa e seus responsáveis assinarem, no intuito de autorizar ou não seu filho(a) a participar da pesquisa. Então, os professores de cada modalidade esportiva recolheram os termos e aplicaram o questionário para os alunos que foram autorizados por seus responsáveis numa sala fechada onde não sofreram nenhum tipo de pressão. O tempo para os alunos responderem variou entre 12 e 35 minutos. Depois de respondido os questionários, os professores os armazenaram em um envelope e destinaram para o pesquisador responsável exatamente no dia posterior a aplicação.

O processo de escolha para participação do estudo foi aberto, ou seja, sujeitos que tivessem entre 11 e 16 anos e participasse de alguma modalidade esportiva na instituição palco do estudo poderiam espontaneamente participar do estudo, desta forma, totalizaram 75 depoentes entre meninos e meninas. Assim, procurou-se registrar, analisar, e interpretar as respostas dos alunos, a fim de explorar o universo de valores, normas e representações destes

sujeitos, provenientes das suas experiências na condução das atividades esportivas, respeitando as suas capacidades de verbalização nas respostas as perguntas abertas.

3. Por uma reprodução do esporte educacional

Percebe-se que por muito tempo o esporte foi uma atividade caracterizada apenas para o alto rendimento⁴, para a vitória a qualquer custo, que na verdade, nos dias atuais essa ação favorece a criação de muitos rótulos. Agora temos a possibilidade de abrir as portas e direcionar-mo-nos para novos caminhos oferecidos pelo esporte, em outras palavras, adicionar a prática esportiva que visa excelência, mecanização dos movimentos um sentido educacional pautado em valores como: lazer, prazer e aprendizado.

“Desta maneira, o esporte passaria a desempenhar uma ou várias funções na sociedade e seria um elemento de reprodução desta realidade. [...] Assim, o esporte é identificado como elemento da cultura [...]” (STIGGER, 2002, p.24).

Afinal, crianças e jovens em sua maioria acreditam que todas as pessoas podem realizar práticas esportivas, apenas 6% dos adolescentes participantes do estudo pensam que o esporte não é para todos, e suas explicações vão de encontro com o esporte educacional que tanto defendemos; esses sujeitos relacionaram a prática de esportes apenas para os mais dotados de habilidades específicas a cada modalidade.

Sabe-se que o esporte também pode ter uma influência negativa na vida de qualquer pessoa, mas se estiver pautado numa ação pedagógica as probabilidades diminuirão demasiadamente. Ainda que, o esporte formalizado por consequência seria excludente por selecionar apenas os melhores, temos oposto a este ponto de vista as crenças nos benefícios dos esportes para a melhoria da qualidade de vida dos participantes ou para a interação social dos mesmos. (GAYA, 2009; STIGGER e LOVISOLO, 2009; VAZ, 2009)

Longe de reducionismos para a prática esportiva, concordamos com a teoria multidisciplinar das emoções que Elias e Dunning (1995) propõem, contribuindo para uma a

criação de uma teoria mais universal do esporte. Nessa conjuntura, os autores afirmam que o esporte proporciona tensões, no entanto, são agradáveis ao ponto de serem necessárias e favorecerem para a manutenção da saúde mental dos sujeitos envolvidos. “[...]sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão que é um elemento essencial para a saúde mental” (p.137).

Essa afirmação contraria a maioria das análises e significações dadas ao esporte ao longo da historicidade, pois até então, era considerado uma manifestação que com um papel libertador de tensões, ao contrário disso, Elias e Dunning (1995) pensam o esporte como facilitador de um tipo de tensão única, considerada por eles agradável e excitante, fundamental para o bem estar.

Elias e Dunning (1995) chegam a afirmar que muitos sociólogos esqueceram o esporte, acreditando que poucos conseguiram se distanciar dos valores dominantes das sociedades ocidentais, dificultando o entendimento do significado social do esporte, as vantagens e meios de exploração da estrutura social e comportamental que ele pode oferecer.

Nos dias atuais, como também em épocas passadas, o ser humano sente a necessidade de sentir fortes emoções, estas podem se manifestar de maneira individualizada ou a partir de necessidades elementares do outro, como a fome, a sede e o sexo. Acredita-se que estes são fenômenos muitos complexos e menos biológicos do que se pensa. (ELIAS; DUNNING, 1995)

Nesse sentido, se para conseguir uma globalização do esporte for necessário fazer uma ‘paródia’ de algumas práticas esportivas, acreditamos que seja um preço justo a pagar, afinal, necessitamos de uma prática maleável, flexível as carências principalmente de crianças e jovens

Apenas uma minoria dos alunos participantes da pesquisa ainda não entendeu que o esporte é muito mais abrangente que aquelas práticas institucionalizadas que assistem na

televisão; constatou-se que 94% das dos adolescentes acreditam que o esporte é uma prática para todos, isso revela que o trabalho desenvolvido ao incentivo para o esporte educacional vem mostrando resultado, quiçá, em pouco tempo poderemos verificar uma geração menos sedentária e mais adepta da atividade física.

Grande parte desses adolescentes entendeu que o esporte pode ser uma atividade física a ser realizada por pessoas comuns, ou seja, não precisa ser um atleta, muito menos estar disputando um título para sentir as realizações que o esporte pode proporcionar aos seus usuários. “Desta maneira o esporte passaria a desempenhar uma ou várias funções na sociedade e seria um elemento de reprodução desta realidade” (STIGGER, 2002, p.24).

Se antes o esporte era uma atividade quase exclusivamente orientada e estruturada para o alto rendimento e a competição organizada para a afirmação dos estereótipos da juventude forte e saudável, da virilidade e masculinidade, nos dias atuais o esporte precisa ser uma prática aberta a todas as pessoas com diferentes idades, condição física e social. O esporte expandiu-se e conquistou novas terras, ou seja, a vocação original da excelência e do alto rendimento adicionou a instrumentalização ao serviço das mais distintas finalidades: saúde, recreação e lazer, aptidão, estética, reabilitação e inclusão (BENTO, 2006).

Sinceramente, não importa se a criança vai jogar futebol ou jogar bola, desde que entenda que o ato de chutar, correr, driblar, gingar com o corpo são ações que poderão ser necessárias para algum momento de sua vida, e mais, se estas práticas desencadeiam relações sociais harmoniosas e propagam valores positivos como solidariedade no ato de “chutar a bola para o outro”, conseguimos desenvolver sentimentos que decorrem da cooperação e trabalho em equipe.

A questão que deve ficar muito clara é que não acreditamos que a realização do esporte educacional deve se sobrepor sobre práticas esportivas formais, ou seja, esportes regulamentados e institucionalizados, entretanto, entendemos que existem locais e públicos

específicos para cada manifestação, e aventuramos dizer que o esporte formalizado não é para todos, para tanto, o esporte educacional *também pode* ser utilizado como uma tática para enxergar sujeitos que porventura poderão se especializar numa prática esportiva formal futuramente, mesmo não sendo seu objetivo, mas algumas manifestações e contribuições do esporte nessa concepção podem ser indeterminadas.

Quando interrogados sobre o esporte que menos gostam os alunos apresentaram opiniões bastante diversas, foram mencionados: O Handebol, Voleibol, Basquetebol, nem mesmo o futebol que é o mais popular entre os esportes para os brasileiros escapou da lista. Isso particularmente não aponta nenhuma preocupação, afinal a pergunta foi feita, eles tinham que responder qual o esporte que menos gostavam.

Entretanto o que é de se atentar é para as justificativas dessas respostas, pois um aluno expõe a sua repulsa ao Futebol dizendo: “nas aulas de Educação Física só jogavam os melhores e o professor não fazia nada”. Já outro afirma que, “não tem um esporte que eu menos goste”. Este aluno em especial, demonstra como o envolvimento com a prática esportiva educacional pode favorecer um apreço pela atividade física.

“O envolvimento da Educação Física com o indivíduo e a sociedade dá-lhe responsabilidades que extrapolam o ‘fazer ginástica’ ou ‘jogar futebol’. O professor não pode, diante dessa missão, aprofundar-se unicamente em seus conhecimentos técnicos” (OLIVEIRA, 2010, p.108).

São vários os resultados positivos que as práticas esportivas podem trazer aos as crianças e adolescentes, tais como: o aumento da autoestima, motivação, melhoria dos resultados estudantis, possibilidades de afastamento do tabagismo, álcool e drogas. Referem que as crianças participam destas atividades por motivações intrínsecas (prazer, divertimento) e não por escolha ou pressão dos pais. (MAHONEY, HARRIS & ECCLES 2006).

Acreditamos na importância de aumentar o número de crianças e adolescentes na iniciação ao esporte, pois o espaço de tempo reservado para um aluno praticar atividade física em um ambiente escolar é insuficiente, nos dias atuais um aluno matriculado no ensino regular (Ensino Médio) tem apenas 1(uma) hora aula de Educação Física Escolar por semana, ou seja, são 50 minutos. Considerando o tempo que o professor chega até a sala de aula, mais o deslocamento para quadra, fazer a chamada, enfim, esse rápido exercício nos mostra o quanto é precária a realização de quaisquer atividades físicas com alunos em idade escolar. Enquanto o tempo dedicado a uma televisão ou vídeo game é muito maior.

4. Permanência e desistência no esporte

A iniciativa de se jogar com o outro ao invés de contra o outro possibilita entender porque 86% dos adolescentes questionados afirmaram que aprenderam a respeitar seus colegas durante a realização de uma prática esportiva e os 14% que dizem não ter encontrado esse valor no esporte podem ter sido vitimados por processos seletistas⁵, e talvez, ainda não conseguiram superar os traumas possivelmente vividos.

Nesse aspecto acreditamos que o esporte educacional também pode servir como um instrumento corretivo, e com o passar do tempo estes alunos passam a valorizar seu colega como um sujeito necessário e valioso para vivenciamento dos esportes. O esporte é um dos grandes aliados na educação de qualquer pessoa, e nesse caso específico, na reeducação de adolescentes que podem ter sofrido por instrumentos do “esporte para alguns”.

Observa-se que alguns pais interferem arduamente nas escolhas esportivas dos filhos, esquecendo por vezes que as vontades e desejos de seus filhos talvez não sejam os mesmos que os seus, às vezes dá-se a impressão que alguns pais tiveram algumas experiências frustrantes em suas práticas esportivas em algum momento durante a vida e esperam resgatar em seus filhos aqueles sentimentos perdidos há tantos anos. Esse fator também pode influenciar os iniciantes durante o processo de escolha e permanência num determinado

esporte, o que em alguns casos pode levar a desistência ou até mesmo deixar marcas negativas durante esse trâmite entre o vivenciamento e a seleção da melhor opção desejada.

Haja vista que 66% dos alunos destacaram que foram seus pais que os incentivaram a praticar esportes, deste modo, a figura paterna e materna representa um grande passo para as futuras escolhas de crianças e jovens, e a experiência nos mostra a importância de atribuir relações interpessoais entre pais e filhos nas mais variadas situações esportivas. É nessa direção que os familiares são responsáveis por analisar e avaliar algumas armadilhas que podem estar ocultas na inserção de seus filhos no mundo esportivo.

Sabe-se que uma das maiores preocupações dos pais para com seus filhos é trabalhar o intelecto; buscar uma escola de referência, um bom professor de informática, profissionais qualificados em uma língua estrangeira, de um modo grosseiro de ver a situação, a preocupação gira em torno da garantia de que a criança se torne um jovem capaz de aprovação num vestibular, visando à formação numa boa universidade para que conseqüentemente seja um profissional de sucesso e com um bom salário, para que deste modo tenha uma vida sustentável.

É neste momento que nos deparamos com um paradigma, para ter uma qualidade de vida sustentável o corpo deve funcionar em sintonia com a mente, ou seja, para que essa dualidade entre em consonância, a prática da atividade física através de um esporte ou não, deve estar presente na vida do indivíduo, no entanto, se durante toda a vida um sujeito foi direcionado apenas ao sedentarismo, sua inserção em alguma prática esportiva será muito mais desafiante. Por isso deve-se dar atenção ao esporte educacional, pois ele educará para toda a vida, independentemente da idade que o sujeito inicia sua prática.

Por isso, não existe mal algum no fato da criança criar expectativas em ser um atleta de alto nível, para tanto, essas expectativas devem ser dosadas para que seu desejo de ser um atleta não supere a vontade de sentir-se bem com algum esporte, muito menos, que essa

vontade não ofusque ou limite as possibilidades dos outros participantes durante uma aula. Aqui percebemos o esporte educacional ativo, que descaracteriza a busca pela excelência nas habilidades esportivas e preconiza a acessibilidade e o direito de todos degustarem essa prática, sem distinção do mais gordinho, magro, alto, baixo, etc.

A satisfação e o prazer devem prevalecer perante o ódio e a rivalidade, e manifestações esportivas coletivas e individuais se propaguem de forma educacional numa busca pela tão sonhada democratização ao esporte e com isso alcançar cada vez mais um número maior de praticantes, arriscando falar de uma mundialização do esporte.

Ao propor uma mundialização do esporte não nos referimos a milhões de pessoas gritando em uma só voz em prol de uma equipe, mas estimo um número indeterminado de pessoas que efetivamente se utilizem (vivenciem) das práticas esportivas para seu bem-estar pessoal e sintam-se parte da equipe. Ato como correr, pular, saltar, trepar, arrastar, nadar, enfim, movimentar-se, são ações que devem ser *mundializadas* a favor do esporte educacional, direcionando o praticante a uma prática consciente.

Procuramos legitimar essa prática educacional inerente ao esporte, pois percebe-se alguns discursos referentes a um “esporte para todos”, mas ainda se encontram vestígios de práticas segregadoras em centros de práticas esportivas, em que os mais aptos ainda têm privilégios em comparação as desabilidades de outros. Nesse ponto percebe-se uma disparidade no que se tem produzido no campo científico e o que se estabelece enquanto “prática pedagógica” na quadra de aula.

A espontaneidade dos movimentos motivados pelo esporte educacional não deve ser confundida com o descompromisso para novas aquisições de habilidades motoras, apenas entende-se que o esporte organizado pedagogicamente tem seus movimentos espontâneos significados de acordo com os limites de cada participante, e que as diferenças entre habilidades/desabilidades se nutrem e preenchem lacunas existentes na prática,

proporcionando a formação de um grupo unido que *joga* com as diferenças do outro, denotando uma dimensão educacional para a atividade.

Pode-se traduzir o esporte dentro de várias instancias como: Lazer, saúde, qualidade de vida, desenvolvimento comunitário, inclusão social, ou seja, as possibilidades talvez sejam infinitas, contudo, ao conscientizar a população para uma prática esportiva educacional, estes vão valorizar e sistematizar essa proposta, pois conseqüentemente serão acompanhados de discursos que propagam valores positivos e humanistas ligados a atividade física.

Não esperamos impregnar o ideal de que o esporte educacional satisfaz as exigências da sociedade contemporânea, mas, demonstrar que seus benefícios podem ser a resposta para malefícios dos dias atuais, pois tem a capacidade transmitir valores positivos, e estes valores tem faculdade de ser transmitidos no meio social independente de qualquer exigência mercadológica, mas humana.

Intercedemos pela disseminação de um sentimento de participação coletiva montante as técnicas de adestramento corporal; onde por vezes a adaptação corre jusante à atividade física; necessária para maior liberdade nos movimentos, espaço no qual a execução de um movimento instintivo se destaca perante um mecanizado. Destarte, é importante pensar que visto pelo âmbito educacional, o esporte respeita os fenômenos que circundam os sujeitos, e desta forma compreende aspectos culturais como elementos que consideram as subjetividades dos praticantes; estes são pressupostos essenciais que devem ser considerados para vivenciamento de uma prática esportiva num determinado grupo.

Diferente do esporte seletista, que visa à ampliação de um número cada vez maior de praticantes para aumentar suas probabilidades de seleção de atletas de alto nível, o esporte educacional busca um aumento de seus praticantes tendo em vista um número maior de pessoas utilizando essa prática para melhoria de seus hábitos diários, produzindo a crença de que valores positivos têm o poder de mudar o modo de pensar e agir das grandes massas.

“A prática esportiva exige que o praticante aprenda a lidar com sentimentos diversos e mesmo contraditórios. Ele precisa desenvolver a capacidade de controlar a ambição de superar desafios e o desejo de vitória, com possibilidade de derrota.” (WERTHEIN, 2004, p.118).

A tentativa indiscriminada de inserir crianças e jovens em alguma modalidade esportiva, sem critérios de “seleção” para o melhor método de ensino e aprendizagem pode gerar altos índices de stress⁶. Apenas 11% dos alunos participantes apontaram sentir estresse durante a atividade, enquanto 89% declaram que não sofrem com isso.

Mesmo apontando a definição de estresse utilizada para esse estudo, acreditamos ser importante apresentar uma visão controversa:

O estresse que costuma ser visto como grande vilão de nossas vidas, nada mais é que a pressão imposta a cada um de nós no dia-a-dia. Em si, ele é altamente positivo. É a mola que nos impele a fazer o que é necessário e nos coloca no melhor de nosso desempenho nos momentos em que somos exigidos. Esse estresse é natural ao organismo. É ele que nos faz agir diante de determinada situação, derramando estimulantes em nossa corrente sanguínea. Esse processo de fabricação de hormônios estimulantes, que nos deixa de repente eufóricos ou capazes de não sentir dores em uma hora de risco, é altamente benéfico. (COBRA, 2003, p.72)

Não intencionamos afirmar que a visão do autor está equivocada, apenas que tem uma direção oposta ao nosso modo de pensar o estresse dentro do esporte educacional. Concordamos que o esporte é gerador de muitas emoções e seus benefícios são vários, no entanto, aqui o alto índice de estresse apresenta ser sinônimo de valores negativos no esporte educacional, tanto que 19% dos alunos participantes da pesquisa afirmaram que praticam atividades esportivas porque meu ídolo pratica, 2% por indicação médica, 12% tinha o sonho em ser um atleta profissional, 35% pelo fato de gostar de esportes, 8% no anseio de fazer mais amigos, 5% acreditou ser legal pela televisão parecia legal, e porque 3% está na moda e 16% sentem-se felizes por vivenciar alguma prática esportiva.

Com isso, para que qualquer atividade seja efetivada com sucesso e participação de todos, independente do contexto em que se encontram os sujeitos devem se sentir desafiados,

na medida que o desafio se manifeste em ordem crescente, ou seja, de começar com níveis fáceis e gradativamente o grau de dificuldade ser aumentado, pois assim, este aluno experimentará o gosto do sucesso, que todos nós sabemos que é algo indescritível, e conseqüentemente se sentirá motivado para novamente sentir esse gosto. Desta maneira, o professor instiga e favorece a uma experiência agradável.

Para entender as manifestações de um esporte, independente da modalidade, de acordo com Bourdieu (1990) é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes, é imprescindível a análise sociológica da distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social.

Nesse contexto, crianças e jovens muito provavelmente terão oportunidade de criar o hábito de se relacionar com a prática esportiva. Aqui, recorro mais uma vez a Bourdieu para compreender o conceito de *habitus* e posteriormente relacioná-lo a prática esportiva educacional.

A divisão em classes operada pela ciência conduz à raiz comum das práticas classificáveis produzidas pelos agentes e dos julgamentos classificatórios emitidos por eles sobre as práticas dos outros ou suas próprias práticas: o *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principiumdivisionis*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida. (BOURDIEU 2011, p.162)

Nesse aspecto, as representações de um grupo podem recorrer em futuras realizações de determinadas práticas ou não, de acordo com o sistema de classificação que o coletivo dispõe para sua execução. Pensando no campo esportivo, o que determinará a continuação ou experimentação desse fenômeno é um conjunto de práticas bem sucedidas que podem representar um novo estilo de vida para o indivíduo ou para todo o grupo.

Um trabalho de iniciação esportiva bem estruturado, levando em consideração princípios pedagógicos para o ensino de esportes pode fazer a diferença do vínculo ou não da

criança ou jovem com a prática esportiva. Pois o fato desses sujeitos sentirem-se pertencentes a um grupo social pode gerar o prazer em jogar, criando *habitus* dentro do contexto esportivo.

Desta forma, destacamos que o *habitus* é essencial para formação da identidade individual de cada um, assim como a coletiva. O estilo de vida que a pessoa escolhe ou indiretamente se envolver moldará sua identidade, ou seja, todo processo de socialização do sujeito dependerá das suas relações com o outro. Por isso, acredito que se esse *habitus* tomar forma de valores positivos através do esporte educacional, é muito mais provável que todos tomem *gosto* pelo esporte; caso os valores trabalhados nos fundamentos de uma prática esportiva estiverem pautados na alta competitividade e seletividade, tenho dúvidas no sucesso pelo *gosto* de todos para prática, pois estes, às vezes não consideram as diferenças entre as pessoas.

Para tanto, precisamos consolidar o esporte educacional como uma prática inerente aos currículos dos profissionais de Educação Física, pois ele é cabível em qualquer espaço e pode significar a construção de ações mais igualitárias e humanas. Principalmente o diálogo entre esporte e educação pode restabelecer a prática da atividade física saudável na vida de muitas pessoas. Neste aspecto pode-se dizer que falamos de uma humanização do esporte e que a educação pode ser um caminho que leve essa realização.

5. Considerações finais

Entendemos que o esporte educacional possui como base, princípios pedagógicos pautados em valores positivos como cooperação, participação, responsabilidade e inclusão. Atuando no desenvolvimento da autoestima e no desenvolvimento integral do ser humano, e consequentemente favorece para formação de um sujeito crítico.

Nesse viés, surge mais uma vez a pergunta: Esporte para todos ou quase todos? Ao objetivar analisar a influência da prática esportiva educacional promovida por um Centro de Práticas Esportivas, compreendemos que esse contexto esportivo aumenta o campo de

experimentação dos adolescentes, criando um vínculo afetivo entre esporte e ser humano, oferecendo chances concretas de interação social, estimulando a participação de todos. Para tanto, quase todos, ou melhor, talvez alguns chegarão ao esporte de rendimento, mas com a certeza de que passaram por uma base de conhecimentos que os pautaram a tomar as decisões necessárias para se especializar em uma ou outra modalidade esportiva de alta competitividade.

Identificamos vários impactos positivos do esporte educacional na vida das crianças e jovens participantes do estudo. Seja pela influencia de pais, amigos ou professores, o esporte pautado na educação pode proporcionar a emoção que nos dias atuais as crianças e adolescentes tanto necessitam para se distanciarem do sedentarismo, drogas, violência, e tantos outros valores negativos presentes no mundo moderno, ao falar dessas emoções, refiro-me a emoções agradáveis, que junto a elas, valores positivos são transmitidos. Pois, ensinar o aluno a vivenciar determinadas atividades físicas e competências enriquece seu repertório motor através da descoberta do prazer em praticar esportes.

A amostra desse estudo compreendeu sujeitos matriculados em uma instituição formal que possui um programa centrado no esporte, e que possui materiais específicos para diversas modalidades esportivas. Contudo, ressaltamos que o esporte educacional também pode ser desenvolvido de maneira não formal e desinstitucionalizada, adaptando o espaço físico, regras, materiais e principalmente as condições para os gestos motores. Com esses pressupostos, conseguiremos formar um ser humano *mais forte*, fortalecendo sua relação consigo mesmo e com o outro; associando a sensação de superação, com a autoestima dos atores sociais elevada são valorizadas a individualidade e a coletividade de maneira concomitante, isto é uma transcendência para esporte.

Referências bibliográficas

- BENTO, J. O. *Do Desporto*. In: Tani, G; Bento, J.O. e Petersen, R. *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**: São Paulo, Brasiliense, 1990.
- COBRA, N. **A semente da vitória**. 47. ed. São Paulo: SENAC, 2003.
- CONTI, M. A.; FRUTUOSO, M. F. P.; GAMBARDELLA, A. M. D. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 18, n. 4, 2005.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1995.
- FRAGA, A. B. **Exercícios da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. Tese de Doutorado UFRGS, 2005.
- LINHARES, M. A. **A escola, o esporte e a "energização do caráter"**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). Tese de Doutorado UFMG, 2006.
- MACDONALD, D. J.; CÔTÉ, J.; EYS, M.; DEAKIN, J. Psychometric properties of the youth experience survey with young athletes. In: **Psychology of Sport and Exercise**. journal homepage: www.elsevier.com/locate/psychsport. 2011.
- MAHONEY, H. A.; ECCLES, J. Organized Activity Participation, Positive Youth Development, and the Over-Scheduling Hypothesis. **Social Policy Report**, 20, 4, 3 -30, 2006.
- OLIVEIRA, V. M. **O esporte pode tudo**. São Paulo: Cortez, 2010.
- OLIVEIRA, M. A. T. (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- PAZIN, N. P. A.; FREITAS, D. P. A.; SILVA, M. L. da. *O esporte para todos e a constituição de um projeto de intervenção social*. In: **Revista metáfora educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 9., dez./2010. p. 18-30. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: 13/02/2015.
- RODRIGUES, M. L; LIMENA, M. C. **Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006.
- STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. R. (Orgs.) **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- STIGGER, M. P. **Esporte, Lazer e Estilos de Vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.
- TUBINO, M. J. G.; COSTA, V. L. M. **Práticas populares de esporte na praia: estudos dos jogos de frescobol**. In VOTRE, Sebastião Josué (Org.) et al. *Cultura, Atividade Corporal e Esporte*. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1995.
- WERTHEIN, J. Esporte: uma estratégia para a vida. In: ROSA, M. R. **Esporte e Sociedade: ações socioculturais para a cidadania**. São Paulo: IMK Relações Públicas, 2004.

¹ O presente estudo teve auxílio financeiro do Departamento de Educação Física das Faculdades MAGSUL (FAMAG)

² Desvalores: valores negativos no meio social, como: desrespeito, intolerância etc.

³ Este estudo é resultado de parte de uma tese de doutoramento em Ciências do Desporto na Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Grande Dourados-MS (CAAE: 50341915.4.0000.5160/ Número do parecer: 1.402.554).

⁴ Nesse estudo, a noção de “esporte de alto rendimento”, será entendida como esporte de alto nível, esporte espetáculo, esporte de alta competição ou esporte espetáculo.

⁵ No sentido de selecionar, categorizar apenas os mais hábeis.

⁶ Aqui o termo de estresse possui como juízo a aflição e adversidade, comportando sensação de angústia e transtorno.